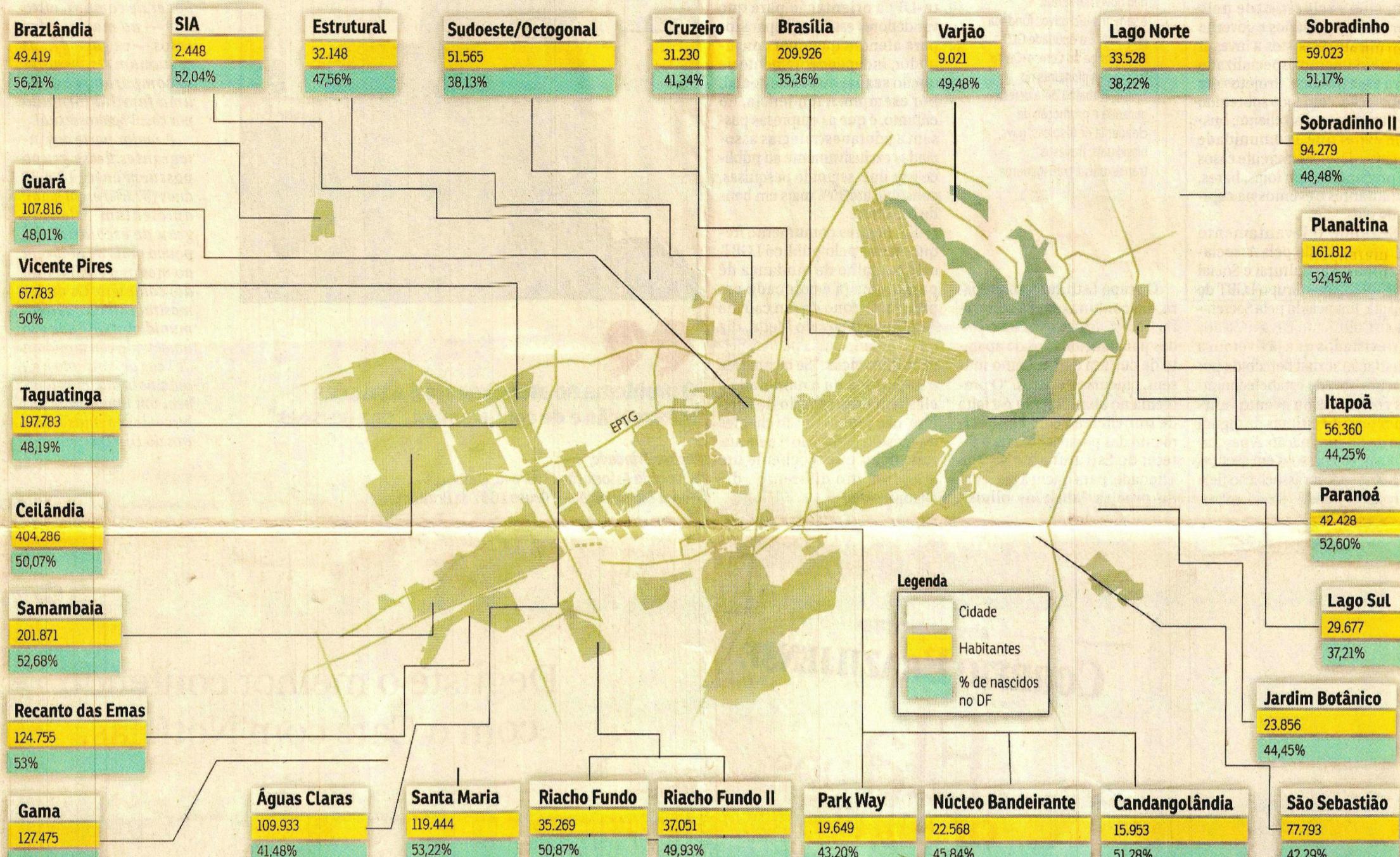


O Plano ainda é dos migrantes

Apenas 35,4% dos habitantes da cidade idealizada por Lucio Costa são nascidos no Distrito Federal, o menor percentual entre todas as regiões pesquisadas pela Codeplan. No Gama e em Brazlândia, esse número chega a 55%

Naturalidade



*Dados da Pdad/Codeplan

Editoria de Arte/CB/D.A Press

» FLÁVIA MAIA
» DIEGO AMORIM

Mesmo aos 52 anos, o Plano Piloto ainda tem sua identidade associada a migrantes. Prova disso é que o avião traçado por Lucio Costa é a região com menor porcentagem de nascidos no Distrito Federal. Somente 35,4% dos 209.926 habitantes têm em seus documentos o DF como naturalidade. Em outras cidades como Brazlândia e Gama, a quantidade de brasilienses ultrapassa 55% da população. A média do DF é de 48,1% dos habitantes nascidos no próprio quadradinho. Os dados são da Pesquisa Distrital por Amostras de Domicílio (Pdad), feita pela Companhia de Planejamento do DF (Codeplan).

A explicação está no fato de o Plano Piloto ser uma das regiões mais antigas do DF. Os novos habitantes chegaram à capital e se instalaram nesse local nos primeiros anos da cidade. "E nunca mais arredaram o pé do Plano Piloto", mostra o geógrafo urbano da Universidade de Brasília (UnB) Aldo Paviani. Esse é o caso do aposentado Mauro Duarte, 69 anos. Ele veio transferido do Rio de Janeiro em 1974 e instalou-se na 308 Sul, de onde não mais saiu. Apesar de estar acostumado com Brasília, Mauro pretende voltar à cidade natal. "Não tive dificuldade em me adaptar aqui, mas prefiro a agitação do Rio", confessa. Segundo a Codeplan, mais de 44% dos moradores do Plano vieram antes da década de 1990.

Paviani analisa que os migrantes chegaram e se instalaram. Isso explica o alto índice de idosos no Plano — 21,9% da população, quase o triplo da média do DF de 7,4% — e a pequena quantidade de crianças e adolescentes, que somam apenas 12,4% dos habi-



Não tive dificuldade em me adaptar aqui, mas prefiro a agitação do Rio"

Mauro Duarte, 69 anos, aposentado, carioca que mora desde 1974 na 308 Sul

Abrangência

A Pdad da Codeplan enquadra como Brasília as asas Norte e Sul, o Setor Militar Urbano, a Vila Telebrasília, a Vila Planalto e a Vila Westlan Roriz.

tantes, contra 25,5% da média do Distrito Federal. Em outros locais, como a Estrutural, esse número chega a 35,2%.

Segundo os especialistas, o Plano tem menos crianças porque os filhos dos pioneiros, devido ao alto valor dos imóveis e a pouca oferta na região central, acabam formando as famílias em outros locais, como, por exemplo, Águas Claras. Nesta região, o aumento populacional chega a 20,8%, o maior do DF nos últimos sete anos. "Os filhos e netos dos pioneiros de Brasília vão morar nos lugares com infraestrutura nova e preços acessíveis", analisa Paviani.

Enquanto Águas Claras não para de crescer, o Cruzeiro apresentou leve queda no número de moradores (-1,7%). "No caso do Cruzeiro, dois fenômenos distintos podem explicar essa retração: pessoas com maior poder aquisitivo indo para outras regiões ou moradores antigos que estão saindo porque não conseguem pagar os preços altos do centro de Brasília", explica Júlio Miragaya, presidente da Codeplan.

Pessoas por residência

A quantidade média de pessoas morando na mesma casa no Distrito Federal é de 3,3, um pouco abaixo da taxa brasileira, de 3,4. Porém, das 30 regiões administrativas pesquisadas pela Codeplan, em 23 mora mais gente do que a média distrital. É o caso da Estrutural (4,1), do Paranoá (4) e do Recanto das Emas (4). Em compensação, o Sudoeste tem apenas 2,7 pessoas por residência, o índice mais baixo do DF. "O Sudoeste é uma região moderna, mais jovem. Com quantidade alta de pessoas morando sozinhas, assim como casais jovens, bem instruídos, que optam por famílias pequenas, com um ou dois filhos", ressalta Miragaya.

Outra característica da família brasileira é a força das mulheres chefes de família. Em 12 das 30 regiões, elas lidam mais de 30% dos domicílios. No Riacho Fundo e no Núcleo Bandeirante, somam o maior percentual, 36,4%. Índice puxado por histórias como a de África Mota, 20 anos. Ela mora no Núcleo Bandeirante com a filha Anna Luísa, 6, em uma quitinete. Com o trabalho de massoterapeuta, arca, sozinha, com todas as despesas da casa e a criação da filha, porque o pai da criança não paga pensão. "É difícil, apertado, mas a gente sempre dá um jeito de levar a vida", conta.